

# Sociabilidade intelectual de quatro poetas catarinenses de uma mesma geração:

62

entrevista com escritor e  
poeta Péricles Prade

**Miguel Angel Schmitt Rodriguez<sup>1</sup>**

A seguinte entrevista foi realizada no dia 14 de maio de 2022 no apartamento do escritor e poeta Péricles Prade, localizado na cidade de

---

<sup>1</sup> Graduado em História (2004), Letras-Espanhol (2015) e Filosofia (2021) pela UFSC, possui mestrado em História (2008) e doutorado em Literatura (2018) pela mesma instituição. Atuou como docente no curso de História da Universidade Regional de Blumenau (2010-2012). Atualmente é coordenador do Centro de Memória Lindolf Bell e atua também como professor no Ensino Médio.

Itapema/SC. O propósito da conversa se deu no contexto do desenvolvimento do projeto de ação educativa “Letras Catarinenses”, *podcast* de literatura desenvolvido pelos profissionais do Museu Casa do Poeta Lindolf Bell, conjuntamente com os alunos e professores do 1º ano do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Prof. Júlio Scheidemantel. O plano de trabalho do referido projeto cumpriu-se durante o ano letivo de 2022, com apoio de recursos do Prêmio Darcy Ribeiro, ofertados pelo IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) através do Edital 80/2021. Como produto final do projeto, foi disponibilizado nas plataformas de áudio da internet quatro episódios de *podcast* sobre a produção literária e a sociabilidade intelectual de quatro autores catarinense de uma mesma geração: Lindolf Bell, Péricles Prade, Osmar Pisani e Rodrigo de Haro<sup>2</sup>. A presente entrevista foi conduzida pelo profissional da Casa do Poeta Lindolf Bell – e também coordenador da referida ação educativa – Miguel Angel Schmitt Rodriguez.

\*\*\*

63

**M. R.:** Boa tarde, senhor Péricles Prade. De início quero agradecer a sua gentileza e boa disposição para a realização desta entrevista. Nós, com este projeto de *podcast*, estamos pesquisando e estudando, juntamente com os alunos da escola Júlio Scheidemantel, o contexto do início da produção literária de um grupo de poetas catarinenses do início da década de 1960 que mantinham uma relação muito estreita entre si. Chegou até nós, por meio de alguns documentos encontrados no Centro de Memória Lindolf Bell, que Lindolf Bell, você, o Osmar Pisani e o Rodrigo de Haro constituíram, no início de suas trajetórias, um agrupamento movido por um interesse comum pela poesia. Gostaríamos que o senhor nos contasse um pouco sobre o que exatamente foi esse chamado Grupo dos Quatro e como ele se constituiu.

**P. P.:** Bom, antes de tudo, eu agradeço a oportunidade de falar consigo, Miguel Angel Schmitt Rodriguez, um dos responsáveis pelo sucesso das

---

<sup>2</sup> Os episódios da referida série podem ser escutados no endereço eletrônico [www.anchor.fm/casadopoeta](http://www.anchor.fm/casadopoeta)

atividades da Casa do Poeta, agora também chamado Museu da Casa do Poeta, não é mesmo? Feita esta observação preambular, eu quero anotar o seguinte: realmente nós quatro – eu, Lindolf Bell, Osmar Pisani e Rodrigo de Haro – integramos a denominada geração de 1960. Todavia, o auge maior do sucesso desse grupo, na prática, foi a partir de 1970. Então, a geração de 70 como prospecção da geração de 60 abriu um caminho muito mais largo. O que proporcionou que nós não ficássemos só ligados a Santa Catarina, a Florianópolis ou ao Vale do Itajaí, mas atingíssemos outras esferas, outros territórios e, em especial no Brasil, São Paulo como um ponto nuclear. Em São Paulo, quem estabeleceu vínculos mais efetivos e duradouros foi o Rodrigo de Haro. Até porque ele mantinha um apartamento lá. O seu pai havia comprado. Ele fazia essa ponte São Paulo -Florianópolis. E sempre trazendo para cá poetas importantes do seu relacionamento. Depois houve um vínculo não tão intenso, mais episódico, mas que também acabou sendo muito significativo durante muito tempo, do próprio Lindolf Bell. Ele saiu de Timbó, integrou a força militar do exército do Rio de Janeiro. Estabeleceu, também lá, vínculos literários, embora tenha sido mais como que um declamador, onde ele exercia suas atividades. Contudo, ao final, ele também acabou se concentrando em São Paulo, onde foi muito bem recebido. E a partir de São Paulo foi onde ele fundou a denominada Catequese Poética, trazendo figuras que hoje são também expoentes da poesia, como Rubens Jardim, por exemplo. Então o Bell despontou naquela época, e se tornou uma figura muito conhecida. Ele declamava no Viaduto do Chá, em clubes, em teatros, e era muito requisitado. O Bell era um declamador primoroso. Ficou mais conhecido como declamador do “Poema das crianças traídas”, mas em verdade ele declamou muitos outros poemas com igual exuberância verbal. Outro que estabeleceu vínculo com São Paulo é esta pessoa que você está entrevistando agora. Eu formei-me em direito em Florianópolis, depois fui pra Blumenau, onde lecionei na FURB, professor de Direito Financeiro e Finanças Públicas. Passei um período lá, depois fui fazer pós-graduação em Brasília. Retornei como juiz e fiquei um tempo em Florianópolis, exercendo essas funções. Depois eu fui promovido para a 9ª Vara Federal de São Paulo. E apesar de ter uma atividade judicante intensa, muito intensa também foi a minha vida cultural. Até o ponto de eu

ter presidido a União Brasileira de Escritores. Na época, lancei lá diversos livros e participei ativamente das atividades literárias. Isto durante todo o período que lá fiquei – porque levei a família, depois me divorciei... Depois eu casei novamente e voltei para Santa Catarina... Então, essa chamada geração de 60, teve esse vínculo muito forte com a geração de 60 dos poetas que integraram o grupo paulista. O Pisani, ele não teve essa mesma oportunidade. Porque ele não se deslocava; ele era professor de História da Arte. E embora ele tenha se formado em Direito – foi meu colega de turma, inclusive –, nunca se dedicou à advocacia. Foi professor o tempo todo, muito respeitado, e tornou-se, além de poeta, um reconhecido crítico de artes visuais. O contato que ele teve com pessoas de fora era mais em razão da vinda dessas pessoas para Santa Catarina, principalmente no Museu de Arte. Ele, então, participou de alguns julgamentos de obras de arte e tal. E ficou mais centrado em Florianópolis. Embora o grande respeito entre nós, cada qual tomou o seu caminho, eu diria. O Pisani, eu e o Bell ficamos mais ligados. Tanto é assim que, inicialmente, esse Grupo dos Quatro, com o tempo, ele se diluiu. Passou a ser um trio na verdade, porque o Rodrigo se afastou. Não por um afastamento de ordem pessoal, de qualquer natureza. Mas, eu diria cultural. Por causa das viagens constantes dele a São Paulo. E ele também tinha uma linguagem, eu diria, muito própria, que se distanciava das nossas preocupações. Eu escrevi sobre todos eles, menos em relação ao Rodrigo – mas sobre um livro que ele escreveu chamado *Naufrágios* ainda pretendo escrever... Sobre o Bell escrevi alguns pequenos textos de natureza crítica. E fui eu que fiz o prefácio de um livro lançado pela editora Global, em São Paulo. São os *Melhores poemas de Lindolf Bell*<sup>3</sup>. Eu selecionei esses poemas e escrevi essa introdução. Com o Pisani não houve um afastamento, mas um certo distanciamento. Embora eu tenha escrito também sobre a obra dele, publicado alguns estudos meus, mas o grande vínculo sempre foi estabelecido com o Lindolf Bell. Há uma explicação que eu denomino geográfica e outra que eu denomino afetiva. A geográfica é porque ambos nasceram em Timbó. Eu, verdadeiramente, não no município de Timbó, propriamente dito, mas em Rio dos Cedros, que à época era um subdistrito

---

<sup>3</sup> BELL, Lindolf. *Melhores poemas Lindolf Bell*. Seleção de Péricles Prade. São Paulo: Global, 2009.

de Timbó. Então nos meus documentos não consta Rio dos Cedros porque à época não era município, era um subdistrito. E o Bell nasceu em Timbó, isto é, praticamente, na sede. Nós tivemos um contato, além dessa natureza, então, territorial, um contato afetivo; porque estabelecemos uma excelente amizade... Após a infância, frequentando as respectivas casas e principalmente no início da juventude. Na adolescência eu frequentava muito a casa dele, e ele também.. Foi quando nós trocávamos histórias em quadrinhos, principalmente gibis, que influenciaram muito a minha concepção da estrutura e da composição ficcional, eu diria. Então, esse aspecto me influenciou muito menos na poesia do que na ficção. Na poesia eu tenho 21 livros publicados e de contos são 10 livros. Sem falar de outras áreas: eu escrevi também bastante sobre artes visuais, sociologia, filosofia, materialidade do direito. Então, eu tenho... devo ter mais de 70 obras no curso da minha vida. E esse denominado quarteto foi muito breve; o trio durou um tempo bem mais razoável, mas também houve o distanciamento. Porque eu tive minha vida profissional, fui para Brasília; o Bell muito ligado a São Paulo; eu depois novamente fui pra São Paulo; e o Pisani mais concentrado em Florianópolis, municípios vizinhos e adjacências. Mas indiscutivelmente nós – ainda que tenha havido esse distanciamento que eu falei – integramos estas duas gerações que eu chamo de imbricadas: de 60 e 70.

**M. R.:** Então, mesmo que essa agremiação não tenha durado muito no tempo, e mesmo que depois cada um de vocês tenha trilhado caminhos diversos – sobretudo no que se refere à perspectiva da poesia e da concepção poética –, como podemos avaliar a importância dessa amizade no momento em que vocês estavam iniciando as suas aspirações de escritor?

**P. P.:** Eu diria que foi a amizade, propriamente dita, que os uniu. Porque era muito comum entre jovens escritores existir uma certa desconfiança, uma certa preocupação com o sucesso de um ou outro. E isto não ocorreu, nem com os quatro, nem depois com os três. Então, sempre houve um respeito mútuo muito grande. Eu diria que esses laços afetivos, esses laços de amizade, foram fundamentais para manter essa união, ainda que

temporalmente episódica, no entanto, muito edificante e significativa. Então, é um aspecto que deve ser levado em conta. Já que estamos falando a respeito dos quatro, eu queria ponderar que não houve entre todos eles nenhuma influência forte e recíproca em termos de perspectiva poética e de linguagem. O Bell tinha uma inclinação mais lírica. Ele publicou, segundo o meu sentir, um dos livros mais importantes da lírica brasileira até hoje<sup>4</sup>, aliás, reconhecido até por Carlos Drummond de Andrade. E além dessa inclinação lírica, ele teve um período sensível, um certo engajamento – não que ele fosse um poeta *engagé*, propriamente dito, como Maiakovski e tal – mas ele teve uma preocupação social muito grande. Então, esse é um aspecto interessante; um contraponto entre um eu lírico e um eu, entre aspas, coletivo, onde se evidencia uma preocupação com os problemas do mundo. Tanto é assim que temos o “Poema das crianças traídas”, que até hoje é lembrado. Recentemente, em um espetáculo teatral na semana passada, em Florianópolis, houve a declamação desse poema num contexto que o relacionava à questão da guerra da Rússia contra a Ucrânia<sup>5</sup>. Então você vê que esse lado social dele também foi muito forte. E ele tinha também uma preocupação, assim, de levar... Esvurmar – como quando você retira um furúnculo, você esvurma –, esvurmar as palavras até as últimas conseqüências. Então, ele trabalhava muito a palavra. E procurava retirar da palavra não só as raízes etimológicas, mas todo o seu campo de significado. O Rodrigo de Haro teve já uma formação influenciada nas artes visuais, por Beardsley, que se destacou, principalmente, no início da *art nouveau* – inclusive, Beardsley ilustrou um livro de Oscar Wilde, *Salomé*. E ele foi muito influenciado pela literatura estrangeira, principalmente a literatura francesa. E o Rodrigo sempre teve uma linguagem mais esotérica, num certo sentido, explorando – como eu também sempre explorei – o ocultismo (depois falarei um pouco sobre a minha obra também). Então, ele teve sempre muito essa preocupação de natureza mitológica. E muito também por conta da influência das artes plásticas na sua literatura, em sua poesia é

<sup>4</sup> BELL, Lindolf. *As Annamárias*. São Paulo: Massao Ohno, 1971.

<sup>5</sup> O entrevistado refere-se ao espetáculo *Tributo aos inocentes*, idealizado pelo médico oncologista Luiz Alberto Silveira e que contou com a participação do ator Antônio Cunha declamando o “Poema das crianças traídas”. Esteve em exibição no dia 11/05/2022 no Teatro Ademar Rosa, em Florianópolis.

muito constatada uma figura chamada éfrase, ou seja, a representação verbal do pictórico ou a representação pictórica do verbal; essa interação. Ainda destaco que o Rodrigo também sempre foi muito ligado às artes divinatórias, e isso se revelava tanto na sua pintura quanto na sua poesia. O Pisani não teria nenhum vínculo aproximativo com o Rodrigo nem com a minha obra, mas ele, se eu pudesse dizer, tangenciava um pouco com o Bell. A poesia dele é marcada também por um lirismo, mas, eu diria, um lirismo menos voltado para si mesmo e com uma certa abertura para os problemas da vida moderna: angústia, etc. Eu diria que a poesia dele tem um cunho mais filosófico, mais existencialista.

**M. R.:** Existe também nele uma marca das tradições populares, ao que se refere ao campo do folclore, da ilha...

**P. P.:** É... porque ele foi professor de artes visuais. E ele, por exemplo, escreveu sobre o boi de mamão. É um livro que no fundo é uma prosa poética com remissões ligadas às artes – porque é um livro ilustrado por Tércio da Gama<sup>6</sup>. E ele é também, então, ligado a esse lado folclórico. Mas para isto ele tinha livros em separado, não do corpo poético, propriamente dito. Muito embora, sobre o boi de mamão ele deu um tratamento de prosa poética ou de poesia.

**M. R.:** Certo. E quanto à sua poesia?

**P. P.:** Bom, em relação à minha obra, ela tem como substrato a filosofia oculta e as ciências ocultas. Esse lado esotérico tem sido levado bastante em consideração. Existem muitos trabalhos escritos sobre a minha obra. Eu também tenho uma ligação com componentes mitológicos. Eu trabalho muito com oximoros, com as contradições entre as palavras. Em um certo sentido, pode-se dizer que a minha poesia é visual, também... Eu escrevi muito durante e sobre as viagens que eu fiz ao exterior, não com a visão que os turistas têm e reproduzem... Eu sempre disse que eu me voltei mais para

---

<sup>6</sup> PISANI, Osmar. *Variações lírico-pictóricas sobre o Boi-de-mamão*. Pinturas acrílicas sobre cartão de Tércio da Gama. Florianópolis: Fundação Aníbal Nunes Pires, 2003.

as minhas origens quando estava fora de meu país. E toda a minha obra, que desde o início se apresenta como um projeto, é ourobórica. Porque ela começa com *Este interior de serpentes alegres*, em 1963<sup>7</sup>, e termina com o *Retorno das serpentes*, em 2017<sup>8</sup>. Então é um fechamento de ciclo, e ouroboro é aquela serpente mítica que morde a própria cauda. Eu estou justamente dizendo isto porque a minha poesia tem essa circularidade: ela vai e retorna, é o eterno retorno a temas que se aprofundam. E eu terminei esse ciclo com os 21 livros. Tanto é assim que não estou mais escrevendo poesia, agora estou iniciando um romance. Então, eu já tenho as minhas poesias e os meus contos, dentro desse projeto que eu falei, e a serpente, o mito da serpente, permeia toda essa minha obra, vivificando-a, não é mesmo? Porque eu acho que é muito forte essa figura, porque representa, justamente, a circularidade da vida: daí o nascimento, a morte e o retorno.

**M. R.:** Perfeito. Bom, a gente sabe com mais detalhes do contato estabelecido entre o Lindolf Bell e o senhor. Mas se fosse possível, agora, gostaríamos de saber como se deu o contato com o Pisani. Porque o Pisani é nascido em Gaspar, apesar de ter sido criado em...

69

**P. P.:** Sim, ele nasceu em Gaspar, mas saiu bem pequeno de lá. Porque o pai dele trabalhava em Gaspar, mas logo que ele nasceu ele saiu. E logo foi para Florianópolis.

**M. R.:** Então, o senhor conheceu ele em Florianópolis?

**P. P.:** É, e eu sequer sei dizer se alguma vez ele retornou a pôr os pés em Gaspar. Os encontros nossos eram mais esporádicos. Tanto é assim que quando os três se reuniram na Casa do Poeta, numa iniciativa do Bell, ele, o Pisani, foi estimulado por um convite tanto meu quanto do Bell para vir. Então, ele veio. Porque nós trocávamos uma correspondência também. Então, havia isso, não é mesmo? Hoje em dia tem a internet, todo mundo pendurado na internet falando na hora. Naquela época o telefonema era mais

<sup>7</sup> PRADE, Péicles. *Este interior de serpentes alegres*. Florianópolis: Roteiro, 1963.

<sup>8</sup> PRADE, Péicles. *O retorno das serpentes*. Fortaleza: ARC Edições, 2017.



difícil, por isso a correspondência, a troca de correspondência. Eu imagino que vocês tenham levantado lá na Casa do Poeta esses documentos referentes às correspondências. Deve haver correspondência do Bell, inclusive comigo também.

**M. R.:** Sim, nós conseguimos levantar alguns documentos nesse sentido.

**P. P.:** Então eu acho que esse é um aspecto importante. Foi muito bom nessa pergunta eu ter lembrado agora disto. Porque entre nós houve, então, também um relacionamento epistolar. Com o Pisani de forma mais intensa do que com o Rodrigo – o qual estabelecíamos contato mais quando havia uma festa em que todos se deslocavam para Florianópolis. Já com o Bell era diferente porque ambos morávamos em Timbó. Eu, quando estava terminando o colégio, fui para Blumenau, fiz o segundo ano do curso científico em Blumenau. Depois vim para Florianópolis, entrei no então Instituto Dias Velho, para concluir o curso. Nós frequentávamos muito, então, como eu dizia, a casa um do outro, e isso continuou o resto de nossas vidas. Por exemplo, em São Paulo o Bell se hospedava lá em casa. Ele tinha também um bom relacionamento com a minha ex-esposa, com os meus filhos. Ele sempre foi muito ligado aos meus filhos, principalmente à Priscila – que é uma fotógrafa bem reconhecida em São Paulo. Então, o Bell sempre se hospedava... E depois quando eu vim de São Paulo, quando eu me mudei para Florianópolis, o Bell também, quando estava de passagem, também se hospedava na minha casa em Florianópolis. Então, você vê, ele era um amigo, propriamente dito, abríamos a própria casa um do outro. Além da troca, que nós fazíamos muito, de obras de arte, por causa da Galeria Açú-Açú, fundada por ele – Bell –, pela Elke, por mim e pela minha ex-esposa, Arminda. Fomos sócios por um bom tempo, mas depois eu fui para São Paulo em definitivo e disse para ele que não tinha sentido manter a sociedade, e tal... Muito embora eu sempre tenha colaborado muito para o sucesso da Galeria.

**M. R.:** Esse é um ponto que nos chamou a atenção: o fato de vocês quatro terem, de alguma maneira, sempre mantido uma ligação com as artes, não é

mesmo? Você, o Lindof Bell e o Pisani como críticos; o Pisani também professor de História da Arte...

**P. P.:** Sim: o Pisani, professor; o Rodrigo, pintor; eu, poeta, mas também crítico de artes visuais; o Bell, poeta, mas, como eu, também foi dono de Galeria e também crítico de artes visuais, estimulador de jovens talentos artísticos. Todos imantados pelas artes. Esse é um dado importante, porque somos os quatro, não é mesmo?

**M. R.:** Qual poderia ter sido o fator para essa característica de vocês? Porque não sei se hoje o jovem escritor, ou aquele que aspira tornar-se poeta, tem essa relação tão estreita com as artes como vocês mantiveram.

**P. P.:** É... eu não percebo isso hoje, atualmente. O que eu vejo, realmente, são contistas e poetas, e tal... E vejo pessoas ligadas às artes plásticas, como críticos de artes plásticas, de artes visuais, como, por exemplo, Jayro Schmidt – que, inclusive, tem um ensaio sobre a minha obra que é muito rico<sup>9</sup>. Mas, de fato, essa união eu não percebo. Foi, então, um aspecto muito típico da nossa geração, desse período, principalmente. É claro que um e que outro tem paixão, gosta da arte, mas não como... Eu digo é o exercício simultâneo dos dois ofícios: isso eu não tenho observado nos dias de hoje, pelo menos em Santa Catarina.

**M. R.:** Certo. Bom, e pensando num contexto mais amplo, se formos situar a geração de vocês dentro de um panorama da história da literatura ou da poesia catarinense. Sabemos que um grupo anterior ao de vocês foi o do chamado Grupo Sul.

**P. P.:** Sim, bem anterior. O grupo que era do Salim Miguel, da Eglê Malheiros, mulher dele... Pode-se dizer que na prática foi um movimento retardatário daquele de 1922, do modernismo brasileiro. Ainda assim, foi

---

<sup>9</sup> Jayro Schmidt tem duas obras publicadas sobre a literatura de Péricles Prade: SCHMIDT, Jayro. *Poesia e ficção de Péricles Prade: semas, semantemas, logomatrias*. São Paulo: Pantemporâneo, 2011; SCHMIDT, Jayro. *Leopardos invadiram o templo: mística e humor de Péricles Prade*. Florianópolis: Terceiro Milênio, 2020.

um grupo que deu estímulos à produção cultural do estado. Contudo, o Salim não tinha relação maior com as artes visuais e a Eglê também não.

**M. R.:** E dentro desse panorama da história da literatura catarinense, como o senhor avalia essa geração de vocês, da década de 60 e 70? Como ela se encaixa dentro desse panorama? Eu lhe pergunto isso, porque me parece que se a geração do Grupo Sul procurava disseminar os ideais do modernismo brasileiro em Santa Catarina, o grupo de vocês já não paga tributo aos grandes centros de produção cultural do país, porque, inclusive, compõe também essa produção.

**P. P.:** Eu diria que nenhum de nós – ainda que talvez um pouco o Pisani – tivemos qualquer tipo de influência local. Em específico do Grupo Sul, nenhum de nós sofreu influência. Mesmo porque, penso eu, que no Grupo Sul a poesia não ocupava um espaço representativo, a preocupação maior era, realmente, em torno da ficção, do Salim Miguel e outros. Na poesia, tem o Walmor Cardoso da Silva, mas era uma poesia incipiente, ao menos no meu olhar crítico. E todos nós éramos muito mais impactados, digamos assim, pelo que ocorria no eixo Rio - São Paulo, com foco maior em São Paulo. E, claro, acompanhando também a literatura internacional. O Bell era muito ligado à leitura de Rainer Maria Rilke, *As elegias de Duíno*, não é mesmo? Eu também andei por lá, ainda que sempre me impressionou mais o universo da poesia francesa, sobretudo, os poetas simbolistas – principalmente, Mallarmé. Sem falar, é claro, em Rimbaud. Eu tenho, muitas vezes, uma linguagem, não digo semelhante e nem paródica, mas que trata de temas também tratados por ele, e tal. Lautréamont, também é outro nome importante. Então, a gente teve, eu diria, uma empatia com grandes figuras do exterior. Resumindo: praticamente nada daqui, pouco do Brasil, e mais de fora. Nós tivemos, portanto, uma relação que não foi muito ligada a figuras importantes da literatura brasileira. Houve um distanciamento, embora a gente acompanhasse e tal. É claro que depois, mais recentemente, é outra coisa. Aí vem Ferreira Gullar, João Cabral de Melo Neto e outras grandes figuras. Mas na época da produção dos quatro que você se refere, o impacto que sofríamos era mais internacional. E desses

dois centros – Rio e São Paulo –, estávamos mais próximos de São Paulo, tendo uma ligação muito boa com os integrantes dessa geração de 60 em São Paulo, principalmente, Carlos Felipe Moisés e o Claudio Willer. Claudio Willer – que foi, inclusive, responsável pelo manifesto do surrealismo brasileiro, ele e o Sérgio Lima. Com todos eles eu mantive um excelente relacionamento, e outros que não tinham uma relação mais próxima com o grupo surreal, mas que eu também mantinha uma boa relação, como o Álvaro Alves de Faria, por exemplo.

**M. R.:** Interessante. Ainda esta semana, nós na Casa do Poeta estávamos lendo o posfácio que o Carlos Felipe Moisés faz ao seu livro...

**P. P.:** Ah, sim. Ele tem um grande estudo sobre a minha obra, sobre *A jaula amorosa*<sup>10</sup>. Sim, ele faz o posfácio; muito inteligente.

**M. R.:** E o Claudio Willer escreveu o prefácio de uma das edições d'*O Código das águas*, do Lindolf Bell<sup>11</sup>.

73

**P. P.:** Isso. Exatamente.

**M. R.:** Bom, para a preocupação mais imediata nossa, a respeito da formação desse chamado Grupo dos Quatro, eu acho que todas estas informações que você nos traz aqui são de muita relevância. Saber esses detalhes todos, os meandros de como se deram as coisas, bem como escutar essa breve avaliação crítica estabelecida pelo senhor acerca da produção poética de cada um dos membros do grupo, tudo isso ajudará muito para os desdobramentos do nosso projeto junto aos alunos. Desta forma, em nome da Casa do Poeta Lindolf Bell, eu lhe agradeço imensamente a atenção dispensada.

---

<sup>10</sup> PRADE, Péricles. *A jaula amorosa*. Ilustrações de Alexandre Prade & Posfácio de Carlos Felipe Moisés. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1995.

<sup>11</sup> BELL, Lindolf. *O código das águas*. Prefácio de Cláudio Willer. 5 ed. São Paulo: Global, 2001.

**P. P:** Bom, havendo necessidade de complementar alguma outra informação, você já sabe o caminho. Estou sempre disposto a contribuir para iniciativas como a de vocês.

**Resumo:** Entrevista realizada com o escritor e poeta Péricles Prade sobre o contexto do início da produção literária de quatro autores catarinenses de uma mesma geração, a saber: Lindolf Bell, Osmar Pisani, Rodrigo de Haro e o próprio Péricles Prade.

**Palavras-chave:** literatura catarinense; geração de 60; sociabilidade intelectual.

**Abstract:** Interview with the writer and poet Péricles Prade about the context of the beginning of the literary production of four authors from Santa Catarina of the same generation, namely: Lindolf Bell, Osmar Pisani, Rodrigo de Haro and Péricles Prade himself.

**Key words:** literature from Santa Catarina; 1960's generation; intellectual sociability.